

O “Estado da Arte” da produção científico – acadêmica editorial em comunicação social no Brasil – 1995 - 2005

¹Rozinaldo Antonio Miani

²Miguel Luiz Contani

³Antonio Roberto Gonçalves Junior

⁴Mário Rafael Bendlin Calzavara

Universidade Estadual de Londrina

Resumo

A pesquisa “O ‘Estado da Arte’ da produção científico-acadêmica editorial da Comunicação Social no Brasil – 1995/2005” realiza uma análise do atual estágio de desenvolvimento da produção científico-acadêmica no campo da Comunicação Social no Brasil identificando, através de procedimentos interpretativos, as relações ideológicas que se constituem a partir das respectivas produções. Tal objetivo está delimitado pelo contexto da produção científico-acadêmica impressa na área, realizada no âmbito de programas de graduação e de pós-graduação em Comunicação Social de universidades, faculdades e centros de ensino no Brasil e que tiveram circulação no período compreendido no decênio 1995-2005. O referido trabalho terá como desdobramento a proposição de uma revista impressa para o Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina.

Palavras - chave

Publicações científicas; análises, Comunicação Social.

Corpo do trabalho

A produção científico-acadêmica, de qualquer natureza e em qualquer área do conhecimento, não se traduz apenas por sua implicação na construção e/ou consolidação dos campos de saberes institucionalizados, apesar de ser essa uma das suas principais contribuições. A compreensão da dialeticidade histórica, não permite que limitemo-nos à uma análise dos impactos dessa produção aos níveis meramente corporativos de um academicismo estéril, até porque essa produção se torna, por vezes, banalizada por uma cultura de “produtivismo à todo custo” como moeda corrente de avaliação institucional e profissional.

¹ Professor Dr. do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina e coordenador do projeto O “Estado da Arte” da produção científico – acadêmica editorial em comunicação social no Brasil – 1995 – 2005.

² Professor Dr. do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina e autor do projeto.

³ Aluno do 4º ano do curso de Comunicação Social – Relações Públicas da Universidade Estadual de Londrina e colaborador do projeto.

⁴ Aluno do 4º ano do curso de Comunicação Social – Relações Públicas da Universidade Estadual de Londrina e colaborador do projeto.

Partimos do pressuposto de que toda produção social, seja material ou simbólica, está dialeticamente relacionada, não sendo possível separar um fato das condições que o rodeia; é preciso admitir ainda que toda produção social está historicamente determinada e que é preciso compreender as condições sócio-históricas objetivas que configuram um determinado fenômeno, bem como os processos de interação verbal que constituem a atividade prática do homem coletivo.

Para Antonio Gramsci (1995, p. 36/37), “todo ato histórico não pode deixar de ser realizado pelo ‘homem coletivo’, isto é, ele pressupõe a obtenção de uma unidade ‘cultural-social’ pela qual uma multiplicidade de vontades desagregadas, com fins heterogêneos, se solidificam na busca de um mesmo fim”; fim esse entendido como o intervir num mundo concreto histórica e culturalmente determinado.

Devemos reconhecer ainda que a ciência, para além de suas múltiplas possibilidades conceituais, deve ser compreendida, antes de mais nada, como um caso particular da cultura em geral, esta entendida como um produto do existir humano, ou, de acordo com expressão cunhada por Álvaro Vieira Pinto, como “coetânea do processo de hominização”. Afirma ainda o referido autor:

“O importante está em compreender que cultura é uma manifestação histórica do processo de homonização e por isso se desenvolve coetaneamente com este último, até os graus superiores, em que caráter humano se apresenta como um conteúdo ético. [...] A cultura é um produto do existir do homem, resulta da vida concreta no mundo que habita e das condições, principalmente sociais em que é obrigado a passar a existência.” (PINTO, 1979, p. 123;135)

Neste sentido, é preciso compreender que a produção de um periódico científico está dialeticamente relacionado com as condições sócio-históricas e culturais dos sujeitos sociais que atuam em sua produção e que, no limite, podemos identificar extratos de projetos societários, a partir das formas simbólicas implicadas na construção discursiva de cada publicação e do conjunto das publicações de uma determinada área do conhecimento.

Quanto ao propósito de estabelecer um “estado da arte”, há que se considerar inicialmente a sua imprecisão conceitual, principalmente por se tratar de uma expressão que foi estruturada no meio acadêmico dos Estados Unidos (State of the art) e que vem sendo adotada gradativamente em nossa cultura acadêmica. A sua adoção aqui se faz mais por uma acomodação terminológica do que propriamente por uma convicção conceitual, por isso

julgamos necessário estabelecer com maior precisão o alcance do que pretendemos com nossa pesquisa.

Sobre o “estado da arte” Ferreira (2002, p. 258), afirma que

“Nos últimos quinze anos tem se produzido um conjunto significativo de pesquisas conhecidas pela denominação “estado da arte” ou “estado do conhecimento”. Definidas com de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder em que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e seminários.”

Como a realização deste trabalho transita também por estes objetivos de descrição e inventário de uma determinada produção, aceitamos o termo, por enquanto, de maneira cômoda, mas não sem uma dose de inquietação que será enfrentada no decorrer do processo da pesquisa.

Porém, para além disso, afirmamos que este trabalho não se limita a uma produção meramente descritiva. Por isso, nos agrada mais a condição do pesquisador do “estado da arte” identificado por Ferreira (2002, p. 265) como de um segundo momento, quando

O pesquisador se pergunta sobre a possibilidade de inventar essa produção, imaginando tendências, ênfases, escolhas metodológicas e teóricas, aproximando ou diferenciando trabalhos entre si, na escrita de uma história de uma determinada área de conhecimento. Aqui, ele deve buscar responder, além de perguntas “quando”, “onde” e “quem” produz pesquisas num determinado período e lugar, àquelas questões que se referem a “o que” e “como” dos trabalhos. Nessa segunda opção, o pesquisador passa a enfrentar dificuldades inúmeras e de diferentes ordens.

E é exatamente essa complexificação sugerida nessa “segunda opção” que nos tranqüiliza, de início, para a utilização do termo “estado da arte”.

A possibilidade de construir uma história da produção científico-acadêmica em Comunicação Social no Brasil, inicialmente sob o rótulo de “estado da arte”, mas definitivamente não limitada à compreensão linear e organização lógico-seqüencial, exige que façamos um aprofundamento teórico sobre o termo, para, no limite, afirmá-lo como pertinente

a esse tipo de pesquisa, ou no seu avesso, descartá-lo como explicativo para estudos de mapeamento interpretativo da produção científica de uma determinada área do conhecimento.

A busca pela compreensão da complexidade dos fatores que atuam na determinação de uma produção social, seja ela material ou simbólica, e mais ainda quando se pretende, a partir de tal compreensão, não apenas emprestar-lhe um lugar no quadro geral de conhecimentos socialmente produzidos, mas subsidiar novas ações e produções sociais, nos parece por demais razoável para justificar a realização deste trabalho.

Além disso, acreditamos que todo novo produto, assim como toda nova ação, exige dos seus idealizadores, antes de sua efetivação, um conhecimento profundo sobre o contexto sócio-histórico em que irá interagir. E quando esse novo produto é também, no limite, uma nova ação, devido às suas características peculiares, essa máxima nos parece ainda mais contundente.

E é exatamente neste contexto que apresentamos o referido trabalho. Ao pretender a realização de um estudo sobre o “Estado da Arte” da produção científico-acadêmica em Comunicação Social no Brasil, especificamente da produção editorial de revistas, o mesmo subsidiará a criação de uma nova publicação na área, qual seja, um periódico (revista científica) sobre estudos em comunicação do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR).

A referida revista será um produto na acepção literal do termo, pois terá produção e circulação tal qual outro produto qualquer de mesma natureza (produto editorial). Mas reconhecemos, ao mesmo tempo, que, desde já, se trata de uma ação política acadêmica em processo, prevista no Planejamento Estratégico Institucional (PEI), na parte específica que foi realizada e aprovada pelo Departamento de Comunicação da UEL, que visa, em última instância, o fortalecimento de uma cultura de pesquisa a partir da construção de um canal de disseminação próprio para os pesquisadores da área lotados nesta instituição, bem como de nossos colaboradores. Portanto, temos aí uma importante justificativa para este trabalho, pois diz respeito às condições objetivas que seus resultados proporcionarão para a efetivação de uma ação político-acadêmica institucional.

Na perspectiva mais pragmática do assunto, nos sentimos provocados pela crítica implícita presente no depoimento dado por Wilson Gomes (professor da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e coordenador da área de Ciências Sociais Aplicadas I da CAPES, que inclui o campo da Comunicação entre 1999 e 2003), em entrevista concedida à Sônia Virgínia Moreira, então presidente da INTERCOM, no ano de 2000, quanto à qualidade das publicações da área.

Quando perguntado sobre a sua visão de conjunto da publicação de pesquisas em periódicos científicos nacionais, Wilson Gomes assim respondeu: “Quanto às nossas revistas, circulam pouco e seus artigos são pouco utilizados como fonte e referência para outros artigos” (2000). Por esta declaração temos a impressão de que uma revista científica não tem sido o espaço mais apropriado para a disseminação das pesquisas realizadas na área, o que parece contrastar com o aumento sempre crescente de novas publicações na área. Outra afirmação constante da referida entrevista, e que se faz necessário verificar se corresponde à realidade atual das publicações na área da Comunicação, é de que “a maior parte da publicação dos docentes da área é de ensaios e não de artigos vinculados a dados de pesquisa, mesmo que fosse de uma pesquisa especulativa”. Diante dessas afirmações nosso trabalho pesquisa a questão e estabelece um diálogo produtivo com o referido autor, e nos parece bastante adequado admitir que o espaço da pesquisa científica também se constitui por estes diálogos.

Vale ressaltar, ainda, que toda pesquisa que se proponha a estabelecer um quadro geral a respeito de um determinado tema torna-se de fundamental importância por sua natureza organizativa, ou seja, por estabelecer um encurtamento de caminhos para quem pretende aproveitar-se de informações que, outrora, encontravam-se desordenadas e esparsas.

Por fim, de acordo com Romancini (2004) “o ponto que nos parece importante ressaltar é que o ‘periodismo em Comunicação’ [...] não tem sido objeto de análise dos pesquisadores da área, salvo exceções bastante raras”. Ou seja, sobre essa temática, ainda há muito trabalho por se fazer para que possamos compreender toda a complexidade do universo editorial da pesquisa científico-acadêmica em Comunicação Social no Brasil e, apenas recentemente, encontramos alguns poucos estudos sobre o tema; portanto, a carência de estudos na área também se apresenta como uma justificativa para esta pesquisa.

No primeiro momento de nosso trabalho realizamos um levantamento de todos os cursos de Comunicação Social no Brasil, por conseguinte verificamos quais desses cursos possuem publicação impressa científica na área de Comunicação Social. Munidos desses dados já quantificados, podemos iniciar algumas análises, admitimos que, para esta pesquisa, não há como prescindir de análise formal, estatística e objetiva no processo de coleta de dados. No entanto, não reconhecemos como justa qualquer aproximação que se possa fazer dessa postura metodológica como uma recaída positivista, uma vez que, como nos lembra Thompson (1995, p. 358) “*os processos de compreensão e interpretação devem ser vistos, pois, não como uma dimensão metodológica que exclua radicalmente uma análise formal ou objetiva, mas antes como uma dimensão que é a mesmo tempo complementar e indispensável*”

a eles". Desta forma, acreditamos ser de grande importância a análise descritiva, a partir da mensuração quantitativa dos dados, para, posteriormente, procedermos à uma análise qualitativa por meio da interpretação hermenêutica. Esta terá início num momento posterior do trabalho, onde teremos acesso a toda essa publicação científica sobre Comunicação Social. Como delimitação das possibilidades da análise hermenêutica nos concentraremos, para esta pesquisa, na análise sócio-histórica, cujo objetivo é *"reconstruir as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas"* (THOMPSON, 1995, p. 366) ressaltando os campos de interação social e de institucionalidades constituídas; na análise argumentativa, que tem por objetivo *"reconstruir e tornar explícitos os padrões de inferência que caracterizam o discurso"* (THOMPSON, 1995, p. 374); e na análise interpretativa (e também reinterpretativa), propriamente dita, que implica a *"construção criativa dos significados, isto é, de uma explicação interpretativa do que está representado ou do que é dito"* (THOMPSON, 1995, p. 375).

Considerando que o trabalho dispõe de dois momentos bem definidos, indicados pelas etapas de desenvolvimento e seus respectivos objetivos, quais sejam, uma análise descritiva sobre temáticas, autorias, referências teóricas utilizadas e natureza dos artigos e uma análise interpretativa da produção científico-acadêmica editorial na área da Comunicação Social no Brasil, utilizaremos o método correspondente em cada uma das etapas discriminadas, porém, sem cair numa dicotomização entre os dois momentos.

Com este trabalho pretendemos apresentar uma análise da complexidade do universo editorial da produção científica em Comunicação Social no Brasil a partir de procedimentos que privilegiam a interpretação das diferentes realidades sob reflexo das influências históricas, sociais e culturais. Munidos desses dados e das respectivas análises a produziremos um catálogo bibliográfico de resumos dos artigos publicados nos respectivos periódicos, que contribuirá de maneira significativa para os processos de busca para pesquisas posteriores. Além disso, o projeto irá subsidiar num momento posterior a criação de uma nova publicação na área, qual seja, um periódico sobre estudos em comunicação do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR),

Referências bibliográficas

- BIOJONE, Mariana Rocha. *Forma e função dos periódicos científicos na comunicação da ciência*. São Paulo: ECA/USP, 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.
- DEMO, Pedro. *Pesquisa e informação qualitativa*. Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- ISENSTEIN, Elizabeth L. *A revolução da cultura impressa*. São Paulo: Ática, 1998.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas 'estado da arte'. In: *Revista Educação e Sociedade*, nº 79. Campinas: CEDES, 2002. p. 257-272.
- GOMES, Wilson; MOREIRA, Sonia Virgínia. O estado da arte dos cursos brasileiros de pós-graduação em Comunicação. In: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, volume XXIII, nº 2. São Paulo: Intercom, julho/dezembro de 2000.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. 10 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- KIENTZ, Albert. *Comunicação de massa: análise de conteúdo*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
- LARANJEIRA, Raymundo. *Estado da arte do direito agrário no Brasil*. Disponível em http://www.ucg.br/jur/palestras_pdf/RaymundoLaranjeira.pdf. Acesso em 05/10/2004.
- LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da cultura de massa*. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo. *Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico*. São Paulo: Loyola, 1990.
- LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- MICELI, Sérgio (org.) *História das Ciências Sociais no Brasil*. Vol. I. 2.ed. São Paulo: Editora Sumaré, 2001.

MICELI, Sérgio (org.) História das Ciências Sociais no Brasil. Vol. II. São Paulo: Editora Sumaré, 1995.

PINTO, Álvaro Vieira. *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ROMANCINI, Richard. Periódicos brasileiros em Comunicação: histórico e análise preliminar. In: *Anais*. XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Porto Alegre: PUC-RS, 2004.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 13 ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1986.

STUMPF, Ida Regina Chitto. *Revistas Universitárias: projetos inacabados*. São Paulo: ECA/USP, 1994. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.